



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

THATIANE MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA

ASTROLOGIA: DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

THATIANE MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA

ASTROLOGIA: DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

Trabalho de conclusão de curso, modalidade Projeto de Pesquisa apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

THATIANE MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA

ASTROLOGIA: DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

Trabalho de conclusão de curso, modalidade Projeto de Pesquisa apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 29 de Maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cleber Daniel Lambert da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dra. Elizia Cristina Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dra. Gislene Vale dos Santos

Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	HIPÓTESE	8
4	OBJETIVOS	8
4.1	GERAL	8
4.2	ESPECÍFICOS	8
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
5.1	ASTROLOGIA MEDIEVAL	20
5.2	ASTROLOGIA MODERNA	22
5.3	ASTROLOGIA CONTEMPORÂNEA	28
6	METODOLOGIA	29
7	CRONOGRAMA	31
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa visa analisar e interpretar, do ponto de vista da história da filosofia e da ciência, alguns entre os principais conceitos que fundamentaram o pensamento astrológico nos períodos da Antiguidade, Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade.

A astrologia ocidental é o estudo sobre os astros e a influência desses no comportamento e no destino do indivíduo. É também o aprendizado sobre como ocorrem as interferências na vida cotidiana, quanto a cada movimento ocorrido no universo.

Sendo assim, uma concepção filosófica, que teve embasamento dos pensamentos de Platão, deu origem a uma ideia de que o homem seria uma parte do universo, ou seja, o microcosmo, enquanto o universo seria o macrocosmo. Essa concepção será desenvolvida durante o período helenístico, sobretudo pela corrente filosófica neoplatônica e será retomada posteriormente por Bovelles, em sua obra “O sábio”, do ano 1509. Na fundamentação teórica, aprofundaremos nessa ideia. Durante a Idade Média, a informação fundamental é a consolidação do Sistema Ptolomaico e a síntese filosófica cristã. É nesse contexto mais geral que a astrologia deve ser compreendida.

Na investigação proposta, será analisado cada período com as suas concepções relacionadas a astrologia; como na Antiguidade, a relação com céu e o movimento dos astros permeava a vida do homem, no que se refere tanto à compreensão do mundo, quanto ao seu destino individual e/ou coletivo.

Através das transformações científicas ocorridas na modernidade, como, a refutação da teoria do geocentrismo, a astrologia perde a sua força, e logo em seguida pensadores científicos criam formulações para comprovar o que é e o que não é ciência, fazendo com que a astrologia se encaixe como uma não ciência, uma vez que não há certeza sobre as suas previsões. Isso se deu por conta de Copérnico (astrônomo e matemático) e sua teoria do heliocentrismo, no qual ele coloca a terra e os planetas movendo-se ao redor do sol.

Levando em conta os diferentes períodos históricos, buscaremos caracterizar, em linhas gerais, na contemporaneidade, a astrologia será objeto de apropriação de narrativas e discursos

mediáticos, de modo que o conhecimento acumulado ao longo da história passou por um filtro para que servisse, digamos, para narrativas e discursos que tem como finalidade não uma compreensão do universo, como a astrologia antiga, mas vender informação para o público que acredita nas influências astrológicas.

A caracterização do objeto da astrologia, na contemporaneidade dessas narrativas, será apenas esboçada no âmbito dessa pesquisa, e na terminalidade será mais aprofundada em redes sociais, como por exemplo, grupos do Facebook, que será o objeto de estudo analisado.

Dessa forma, o problema da pesquisa é analisar, descrever e interpretar, cada período, usando como apoio fontes primárias e secundárias, de maneira que seja possível compreender as perspectivas astrológicas em cada um dos períodos relatados no começo dessa apresentação, com o intuito de perceber o processo de mudança ocorrido nas mesmas. Sendo assim, deu-se uma das problemáticas desse projeto: o que fez com que na atualidade a astrologia adquirisse outro aspecto, tornando-se algo midiático? As narrativas astrológicas, por influência da mídia, tornaram-se produtos para serem consumidos por aqueles que acreditam na astrologia? Haveria ou não uma continuidade entre a forma midiática pela qual a astrologia se apresenta na contemporaneidade e suas formas assumidas em outros períodos?

Nesse viés, a astrologia antiga será vista como entendimento do ser humano diante do universo e como os astros poderão influenciar na vida cotidiana. Na Idade Média, terá outro discurso, pois a teologia cristã estará presente, contudo ocorrerá o aperfeiçoamento do que foi descoberto na antiguidade. Já na astrologia moderna, a perspectiva predominante será a científica. E, por fim, na contemporaneidade, a astrologia tornou-se um instrumento midiático.

A motivação para tal pesquisa surgiu, no primeiro momento, por uma curiosidade e indagação pessoal, no entanto, por conta de leituras e interesse pela relação entre astrologia, filosofia e a ciência nas humanidades, isso apresentou a necessidade de realizar uma pesquisa acadêmica.

2 JUSTIFICATIVA

O entusiasmo para esse estudo além dos discursos acerca da astrologia, relatados pelo público nos meios de comunicação, surgiu principalmente devido a questionamentos pessoais, que eram apenas do senso comum. Dessa maneira, com a minha entrada na universidade, tive contato com os saberes filosóficos acadêmicos, em que a astrologia tinha outra perspectiva, tal como indicaremos na fundamentação teórica.

Essa linha de pensamento foi um incentivo para a elaboração do projeto de pesquisa para a conclusão do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, sendo intitulado “Astrologia: dos Fundamentos Filosóficos” visando à monografia na terminalidade de Ciências Sociais ou Filosofia.

A realização desse projeto tem sua contribuição na área das ciências humanas, principalmente na área de Filosofia e/ou Ciências Sociais, visto tem caráter interdisciplinar, iniciado no curso de Humanidades.

No aspecto Institucional, em um curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, demonstro a importância desse projeto de pesquisa por meio de investigação acadêmica, em que poderemos compreender melhor o lugar da ciência ocidental, diante dos saberes referentes a astrologia, e de que forma essa ciência ocidental se colocou de maneira universal diante desses outros saberes induzidos a uma condição de não saberes (pseudociência).

Tal pesquisa está relacionada com a diversidade de saberes culturais acerca da astrologia, que nos agrupamentos humanos seria válido para entender o contexto social, filosófico e científico. Do ponto de vista epistemológico, há um interesse pertinente a elaboração histórica desses saberes, de onde vêm, a quem pertence e como foi o seu desenvolvimento, passando por todos os períodos até chegar na contemporaneidade.

3 HIPÓTESE

Resultante do problema de pesquisa, algumas hipóteses guiarão o progresso da investigação aqui proposta. São elas:

- Quando os cientistas afirmam que a astrologia não é uma ciência, os meios de comunicação começam a fazer uso da astrologia, pois não é primordial que seja um astrólogo a fazer as previsões. Sendo assim, a mídia promove e molda a astrologia através das colunas de jornais, revistas e sites, como forma de entretenimento.
- A astrologia no aspecto ligado à arte adivinhatória da Idade Média passou por um processo de apropriação midiática, uma vez que foi atacada durante a ciência moderna. Na contemporaneidade, a mídia com suas narrativas traz outra perspectiva relacionada a astrologia, tornando-a produto a ser comercializado futilmente, para aqueles que acreditam nas influências astrológicas.

4 OBJETIVOS

4.1 GERAL

A pesquisa tem como objetivo geral analisar, descrever e interpretar, em uma abordagem introdutória, os conceitos e as narrativas existentes na astrologia nos períodos Antigo, Medieval, Moderno e Contemporâneo, a partir do ponto de vista filosófico-científico.

4.2 ESPECÍFICOS

São objetivos específicos deste projeto de pesquisa:

- Delinear resumidamente a formação dos conceitos sob a astrologia diante das civilizações.
- Descrever as diversas perspectivas astrológicas em conformidade com os períodos escolhidos, e a relação das concepções filosóficas-científicas nas diferentes etapas.

- Do ponto de vista teórico, demonstrar as possíveis articulações e conflitos entre os conceitos de determinados autores em diferentes períodos.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa será formada, primitivamente, por autores que investigam e argumentam questões sobre astrologia ocidental nos períodos da Antiguidade (o nascimento nos grupamentos humanos babilônicos, gregos e romanos), Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade.

Iremos abordar o nascimento da astrologia antiga, e a sua transição até a Idade Média. De acordo com os dados reunidos e analisados, é possível interpretar as contribuições dos babilônicos e apropriação da herança que os gregos obtiveram, e como essas fortaleceram a astrologia e ganharam espaço. Ainda buscaremos trazer uma abordagem da perspectiva cristã.

Na modernidade, contemplaremos a transformação da ciência, como a mudança da teoria geocêntrica para a heliocêntrica, em que a terra deixa de ser o centro e o sol passar ser o centro do universo, de acordo com Nicolas Copérnico, e como ela afetou a astrologia ocidental. Por fim, explanaremos a contemporaneidade, na qual visamos uma possível investigação das narrativas astrológicas. Para isso, faremos uma apuração de como o tema vem sendo tratado em grupos do Facebook que abordam a astrologia (signos, horóscopo, mapa astral e combinações de signos) na vida de cada pessoa, nos últimos dois anos; vale ressaltar que este tipo de informação aparece nas colunas de jornais e revistas continuamente.

Além disso, serão analisados os principais conceitos astrológicos, enunciados na página seguinte, para compreender a relação desses conceitos com o pensamento filosófico-científico de cada período. Informamos ao leitor que não será uma leitura exaustiva, uma vez que, a linguagem utilizada é de fácil compreensão, com a finalidade de situar o leitor como a astrologia era vista em cada período; vale realçar que iremos nos apoiar em outras pesquisas.

Esta ótica se apoia nos pensamentos astrológicos sob aspecto filosófico e científico, visto que teremos algumas fontes primárias que contribuíram diretamente, como Plotino, Karl Popper, Thomas Kuhn, Paul Thagard, Platão e Aristóteles.

Utilizaremos nas investigações pesquisas científicas, devido à escassez das fontes diretas, teremos embasamento em autores, como, Reis (2010-2014), Machado (2006-2012), Costa (2005), Silva (2009), Rezende (2014), Castro (2008), Martins (2012), e Oliveira (2012), esses tornam-se essenciais, pois através de suas pesquisas e questionamentos compreenderemos as esferas astrológicas marcadas em cada período.

Machado (2006-2012), uma das principais referências nos estudos da astrologia ocidental, analisa os fundamentos históricos, técnicos e astronômicos, bem como a relação da ciência e filosofia com astrologia.

Reis (2010-2014), embasado na Cosmologia em Plotino ressalta a influência dos astros, em que aponta que “os astros que atravessam o céu são seres vivos e, portanto, têm alma”, e que cada astro tem seu próprio movimento. Este ainda destaca os movimentos matemáticos nas esferas celestes, que poderá envolver a subjetividade do indivíduo e todas as suas concepções poéticas em torno dos astros.

Martins (2012), por sua vez, destaca as visões acerca da criação do universo diante de cada civilização, e a importância da divindade nessas narrativas. Para os cristãos, a criação ocorreu em sete dias, por um Deus, ao contrário, dos gregos, que acreditam em “concepções filosóficas sobre a origem do universo. Tal é o caso da ‘Teogonia’ de Hesíodo”, como também os gregos, os babilônicos acreditam na origem dos deuses, no entanto, cada um tem sua especificidade.

Marduk é associado às tempestades e aos raios, e suas armas são o arco e a flecha. Ele é também descrito como um grande mago, capaz de fazer com que as coisas apareçam e desapareçam. Por isso, ele é escolhido pelos outros deuses como seu líder, para livrá-los do poder de Tiamat. Marduk luta contra Tiamat, a deusa das águas e das trevas, que é representada às vezes por um dragão. Ele a mata e corta em dois pedaços. O pedaço de cima se torna o céu, e o de baixo se torna a terra. Anu se torna o deus celeste, e Enlil se torna a deusa da terra. (Martins, 2012 p.7)

Costa (2005) e Castro (2008) darão uma ênfase nos saberes e no funcionamento do sistema astrológico, mapa astral e horóscopo. Este que antigamente tinha um significado de mapa astral e atualmente por conta dos meios de comunicação tornou-se um produto “que a astrologia oferece: o exame de um mapa natal”.

Para obtermos entendimento do tema desta pesquisa, observaremos a astrologia por quatro períodos, partindo da perspectiva histórica, passando pelas contribuições e influências medievais, seguindo para as transformações científicas até a queda da astrologia, daí então, a visão do geocentrismo para o heliocentrismo, juntamente com demarcações da ciência discutidas por Popper e Kuhn, chegando na contemporaneidade, em que visamos uma investigação dos discursos e narrativas sociais relacionados a astrologia ocidental.

O sistema astrológico, umas das principais vertentes da astrologia ocidental, é uma organização que engloba “cálculos matemáticos, figuras geométricas e coordenadas astronômicas com reflexões de cunho filosófico e religioso” (Costa, 2005 p.12).

Sendo assim, as outras vertentes da astrologia serão as casas, os planetas, os elementos, o ascendente, o horóscopo e o mapa astral que indica a posição de cada elemento da astrologia em um determinado local e horário; cada indivíduo terá seu próprio mapa astral com características peculiares e únicas.

Os elementos que vamos averiguar e expor englobam virtudes e vícios, gerando temperamentos, que numa linguagem comum são os humores. O elemento fogo “se refere a uma energia universal irradiante, uma energia que é excitável e entusiástica e que, através da sua luz, dá colorido ao mundo” (ARROYO, 2005 p.107). Quente e seco, dando origem ao temperamento colérico, fazendo do indivíduo um ser ativo, energético, extrativo, decidido e intenso.

Ainda no que se refere a esses elementos, vejamos o que diz Greene em 2002, referente ao elemento ar “Bate-papo sobre os mais variados assuntos, conversas interessantes, discussões objetivas e inteligentes, mostrando verdadeira tolerância com relação ao ponto de vista dos outros”. Sua função principal desse elemento é o pensamento, e o mesmo é classificado como quente e úmido, pois indivíduos que possuem esse elemento podem ser rápidos, leves, adaptáveis, comunicativos e/ou inconstantes e irresponsáveis.

Arroyo, em 2006, disse que o elemento terra tem “uma afinação com este elemento indica que o indivíduo está em contato com os sentidos físicos e com a realidade do aqui-e-agora do mundo material”; tendo temperamento melancólico, sendo fria e seca, sua função principal é a

percepção. Tornando seres com tal elemento introvertidos, estáveis e confiáveis, no entanto, podem ser tristes e pessimistas.

Na concepção de Bachelard em 2002, retrata o elemento água como “pessoas de água têm uma imaginação maravilhosa. Elas são também sensíveis, receptivas e profundas”. Mas a água é “um tipo particular de imaginação” e sua principal função é o sentimento, a união fria e úmida equivale ao temperamento calmo, são sensíveis, místicos, porém, são também inertes e passivos.

Os planetas e os signos também são ligados às qualidades que formam os temperamentos (humores), vícios e virtudes. De acordo com Helena Avelar, vejamos a caracterização nesse sentido de cada um dos planetas dos astros. No contexto dessa concepção, o planeta saturno é frio e seco, seu temperamento é melancólico, sendo firme, trabalhador e ao mesmo tempo avarento e invejoso. À medida que júpiter é um quente moderado e úmido, faz parte do temperamento sanguíneo e tem características planetárias de generosidade, integridade, preguiça e vaidade.

O planeta Marte será quente e seco, esta junção se dá ao temperamento colérico, sendo apaixonantes e resistentes, podendo ser violentos e cruéis. Vênus tem propriedade quente, frio e úmido, encaixando-se no temperamento sanguíneo, que tem como atributo o encantamento, o lado amoroso, e um outro lado simulado e tímido.

Enquanto Mercúrio é seco mutável, logo seu temperamento é versátil. Suas particularidades estão entre a inteligência e invenção, mentiroso e confuso. O Sol vai ser quente e seco variável, sendo assim, seu temperamento vai depender muito das estações, e as características principais vão do respeitável, nobre, irredutível e desprezível.

E, por fim, a Lua, fria e variavelmente úmida, logo, seu temperamento dá-se por conta das fases lunares, sendo versátil, engenhoso e, ao mesmo tempo, frágil e inconstante.

A seguir, faremos a caracterização dos signos de acordo Carvalho e Miguel em 2014.

- Áries: tem como elemento fogo, possui temperamento colérico por ser quente e seco, possuindo atributos positivos: corajoso, objetivo, empreendedor, ama a liberdade e é aventureiro. Seus atributos negativos: egoísta, impulsivo, impaciente, sem sutilezas e ávido.
- Touro: elemento terra, temperamento melancólico, atributos positivos: é prático, paciente, têm muita força de vontade, é bondoso, firme e determinado. Atributos negativos: possessivos, preguiçoso, rancoroso, viciado em rotina e desprezível.
- Gêmeos: elemento ar, temperamento sanguíneo, dispõe de particularidades positivas: inteligente, adaptável, versátil, engenhoso, lógico, jovial, conservador e é divertido na conversa. Particularidades negativas: Mutável, inquisitivo, inconsistente e com duas caras, vive “com os nervos à flor da pele”, é superficial e fofoqueiro.
- Câncer: elemento água, temperamento fleumático, particularidades positivas: gentil, sensível, simpático, poderosa imaginação, forte instinto materno ou paterno, solícito, protetor, cauteloso, patriótico, tenaz, perspicaz, frugal e emocionalmente desembaraçado. Particularidades negativas: hipersensível, mordaz, mal-humorado, mutável, exterior duro escondendo um caráter fraco, inclinação à autocomiseração, rancoroso, instável, facilmente lisonjeável e desmazelado.
- Leão: elemento fogo, temperamento colérico, traços positivos: criativo, magnânimo, generoso, entusiasmado, bom organizador, expansivo, com um senso para o drama e encenação. Traços negativos: Dogmático, brigão, esnobe, intolerante, têm opiniões fixas, é condescendente e dissimulado.
- Virgem: elemento terra, temperamento melancólico, traços positivos: discriminativo, analítico metucioso, modesto. Traços negativos: Intelectual, exageradamente minucioso e preocupado, hiper-crítico.
- Libra: elemento ar, temperamento sanguíneo, qualidades positivas: encantador, prezando a harmonia e condições de vida agradáveis, natureza despreocupada, romântico, diplomata, idealista, refinado. Qualidades negativas: Indeciso, rancoroso, frívolo, mutável, dado ao flerte, facilmente influenciável, crédulo, oscilando entre dois extremos.
- Escorpião: elemento água, temperamento fleumático, qualidades positivas: imaginação desenvolvida, emoções e sentimentos poderosos, sentido de finalidade, altamente imaginativo, capacidade de discernimento sutil, persistente, determinado na consecução

de objetivos. Qualidades negativas: Ciumento, rancoroso, teimoso, obstinado, desconfiado, vingativo.

- Sagitário: elemento fogo, temperamento colérico, propriedades positivas: jovial, otimista, versátil, mente aberta, adaptável tendo bom julgamento e uma perspectiva filosófica, amante da liberdade, sincero, franco, fidedigno, escrupuloso. Propriedades negativas: propenso ao exagero e ao extremismo, inquieto, negligente, cegamente otimista, irresponsável, caprichoso.
- Capricórnio: elemento terra, temperamento melancólico, propriedades positivas: digno de confiança, determinado, ambicioso, cuidadoso, prudente, senso de humor, senso de disciplina, paciente, perseverante. Propriedades negativas: aparência rígida, superexigente, pessimista, avarento, mesquinho.
- Aquário: elemento ar, temperamento sanguíneo, peculiaridades positivas: intelectual, humanitário, independente, cordial, prestativo, perspectivas progressistas, original, inventivo, espírito reformista, fiel, leal, idealista. Peculiaridades negativas: imprevisível, excêntrico, rebelde, fixo nas suas opiniões, caprichoso, empenhando-se em ser anticonvencional.
- Peixes: elemento água, temperamento fleumático, peculiaridades positivas: humilde, compassivo, simpático, emotivo, desprendido de coisas materiais, sensível, adaptável, impressionável, gentil, intuitivo, receptivo. Peculiaridades negativas: vago, negligente, reticente, confunde-se facilmente, incapaz de enfrentar o curso prático da vida, sem força de vontade, indeciso.

Portanto, falarei e irei descrever as concepções astrológicas, como também farei um reconhecimento da importância astrológica nos principais pontos de cada um dos períodos, para que mais além possamos entender como se deu a mudança de perspectiva na astrologia, respondendo a problemática proposta na apresentação desse projeto de pesquisa.

Astrologia Antiga

O homem fazia observações acerca do céu com o objetivo de buscar respostas para os seus questionamentos, sendo assim, “os antigos viam a relação entre os movimentos celestes e os acontecimentos terrestres” (Castro,2008), buscando um entendimento e/ou orientação referente ao mundo. Dessa maneira, “o homem estabeleceu relógios, calendários e sistemas astrológicos” (Machado,2006).

Há vários sistemas astrológicos na astrologia oriental e ocidental, contudo daremos um enfoque na astrologia ocidental, devido à praticidade solicitada pelo tema, pois, nas culturas orientais, existem várias vertentes, tornando o tema abrangente.

Independente da cultura, a astrologia tem como conceito uma correlação com os astros, gerada a partir da concepção geocêntrica, em razão de ser uma teoria que considera a Terra firme e centrada no universo, onde os corpos celestes estão ao seu redor.

Os grupamentos humanos tentavam perceber as influências astrológica diante de algumas decisões importantes que eram deliberadas a partir da interferência dos astros, tal qual, captar os corpos celestes que seriam reconhecidos enquanto seres com alma.

“Como eles têm um corpo e uma alma unida ao corpo são parte do universo, e as coisas que eles produzem são também partes do universo; mas a sua vontade e a sua verdadeira alma aplicam-se à contemplação do princípio magnífico.” (Plotino, p.32)

Segundo Machado, os primeiros registros astrológicos ocidentais seriam uma herança cultural do Oriente Médio, no qual ocorreu um aprofundamento nos primeiros registros documentados, feitos em tabuinhas de argila, todavia, a sua origem ainda é discutida, visto que cada grupamento humano tinha pontos de vistas diferentes relacionados a astrologia.

Alexandre, O grande, subiu ao trono da Macedônia após o assassinato de Felipe II, esse foi o começo de sua trajetória, vale ressaltar que durante a sua infância seu tutor foi Aristóteles, esse estimulou o seu interesse pela história, medicina e filosofia.

Umas das conquistas de Alexandre relatada por Machado em 2006 (p.55), foi esse tornar-se responsável por encaminhar a astrologia mesopotâmica à Grécia, através dos adivinhos babilônicos que falaremos no próximo parágrafo. Além disso, Alexandre contribuiu bastante para a famosa Biblioteca de Alexandria.

Machado, em 2006, diz que os indivíduos responsáveis pela difusão do sistema astrológico seriam Berosse e Sudines, uma vez que, levaram para a Grécia tradições mesopotâmicas, onde a astrologia adquiriu aparência de ciência, “especialmente na Alexandria de Ptolomeu (século

II d.C.), que se dá a grande sistematização da astrologia” (2006, p.55), além de que, Alexandria tornou-se o centro referencial astrológico e intelectual do mundo naquele período.

Há uma discussão referente ao encaminhamento da astrologia babilônica para os gregos, sobre quem seria o dirigente. De acordo com Machado, essa discussão foi levantada por Tamsym Barton, cujo faz a menção de Sudines, que seria o indivíduo responsável principal por direcionar esse saber para a Grécia, contudo, a mesma diz que:

“Beros e Sudines seriam, então, exemplos das migrações de indivíduos da Mesopotâmia para a Grécia, que ocorreram após as conquistas de Alexandre, responsáveis pela transmissão das tradições mesopotâmicas”. (2006,55)

Segundo Porto, em 2009, o filósofo Aristóteles, em sua cosmologia, faz junção da “Metafísica Aristotélica” com o “Cosmos aristotélico”, apresentando concepções empíricas e vivências humanas. Na concepção de Aristóteles, o Universo é preenchido pela matéria. “(...) não existe tal coisa como uma entidade dimensional, exceto a das substâncias materiais”. (Aristóteles apud Porto,2009, p.4)

A Metafísica aristotélica, conforme Porto, teria conceitos fundamentais para a sua teoria, tais como: estabilidade, inteligibilidade, corruptibilidade e o movimento empírico da existência relacionada ao ser. Para Aristóteles o ser é “o objeto primordial do pensamento”.

Todo ser perceptível através dos sentidos é constituído de alguma matéria. [...] Cada ser possui determinadas características, é desta ou daquela maneira, possui uma forma, que é também um princípio determinante desse ser. Logo, para Aristóteles, todos os seres sensíveis são formados pela composição de matéria e forma. (Porto,2009, p.2)

Ainda consoante Porto, Aristóteles afirma que a matéria é essencial para a variabilidade, contudo, não seria da mesma forma para os todos corpos, pois cada forma teria sua própria natureza, podendo sofrer evoluções ou não. Na Metafísica Aristotélica existe uma divisão da matéria, sendo o primeiro lado o mundo terrestre ‘sublunar’ (esse dispõe de quatro elementos: ar, terra, fogo e água), e o segundo lado o mundo celeste ‘supralunar’.

O Cosmos aristotélico foi apresentado, primeiramente, com esses dois lados da metafísica supralunar e sublunar. Para Aristóteles o Cosmos é finito, e cada lado tem seus próprios

atributos. Enquanto um lado “limitado por uma esfera à qual estavam ligadas as estrelas e centrada na Terra” (Porto, 2009, p.4), o outro seria “feito de matéria corruptível, os fenômenos de geração e destruição ocorrem continuamente.” (Porto, 2009, p.4)

De acordo com Silva em 2009 (p.21), o filósofo Platão aponta em Timeu (obra sobre a cosmologia, que explica como o Universo foi criado), uma concepção relacionada com as características dos planetas, sendo resgatada no período helenístico, e a importância da astrologia para os gregos. Na Idade Média essas características, descritas por Platão, irão influenciar o Sistema Ptolomaico.

Em virtude desse raciocínio e desta intenção divina concernente ao nascimento do Tempo, o Sol, a Lua e os outros cinco planetas, nasceram para definir os números do Tempo e dele assegurar a conservação. Tendo conformatado o corpo de cada um, Zeus os distribuiu em número de sete, nas sete órbitas descritas pela substância do Outro. A Lua, inicialmente, na primeira, ao redor da Terra, o Sol, em segundo lugar acima da Terra, a estrela matutina [Vênus] e a que é consagrada a Hermes [Mercúrio]. Daí vem que o Sol, o astro da manhã e o de Hermes encontram-se um por vez, e são atingidos uns pelos outros, segundo uma lei constante.” (TIMEU apud SILVA, 2009, p.21)

Ainda em Silva, Platão faz correlação com as peculiaridades dos planetas e os primeiros seres humanos, “formados pelo fogo”. Afirma que há atributos “astronômicos e astrológicos”, tais como, os movimentos planetários, as influências babilônicas e a própria astronomia com seus cálculos, que auxiliava nas previsões astrológicas.

Segundo Machado, em 2012 (p.90), a teoria astrológica de Ptolomeu (encontrado no livro de Tetrabiblos nos primeiros capítulos) terá embasamento na física aristotélica, com o objetivo de entender e explicar o funcionamento de cada ser. Sendo assim, Ptolomeu desenvolveu o sistema Ptolomaico, no qual, os planetas, o sol e a lua teriam suas próprias particularidades. Em seu sistema, há as estações do ano e os pontos cardeais do mapa, que teriam pontos fortes e fracos (Leste – Ascendente; Sul- meio do céu; Oeste- descendente; Norte- fundo do céu).

O sistema Ptolomaico é o sistema astrológico utilizado no ocidente, entretanto há distinções. Os signos com suas qualidades e defeitos, os planetas, o Sol, a Lua, e as estações do ano que estabeleceram o início do ciclo astrológico compõem o sistema Ptolomaico. Assim, Machado afirma que Ptolomeu considerou o signo Áries “o ponto de partida do zodíaco”, porque é o signo que começa o equinócio (o primeiro dia da estação do ano) vernal. As casas são associadas

com as vertentes da vida, como “trabalho, saúde, casamento, família, filhos, dinheiro” (Machado,2012, p.92). O mapa astral retrata as “posições dos planetas no céu numa determinada hora e num determinado local” (Machado,2012, p.92). Todavia, horóscopo para Ptolomeu e para os gregos, seria o registro do momento que ocorria um nascimento ou evento, ao contrário, do horóscopo atual.

Conforme Reis, uma sistematização seria um conjunto de combinações com os elementos astrológicos, sendo que o Tetrabiblos de Ptolomeu (século II a III d. C.) foi considerado o mais sistemático, logo, esse sistema astrológico que é composto por 12 signos e 7 astros que envolvem o sol e a lua seria derivado da Babilônia. A astrologia romana tem influência da cultura grega, na qual o estoicismo foi um dos principais fundamentos responsáveis pelo desenvolvimento e respeito concedido a astrologia em Roma.

Segundo Rezende, há duas teorias estoicas Heimarmenê (o destino reage com as coisas) e Ekpyrosis (conflitos universais ocorrem quando os astros voltam na mesma direção do início, ocasionando uma destruição), sendo assim a visão estoica daria um sentido para o destino, havendo uma relação com os astros.

Os estóicos dizem que quando os planetas voltam ao mesmo signo, seja quanto á longitude seja quanto á latitude em que cada um estava no princípio, quando o universo se constituiu na origem, nesses períodos de tempo advém uma conflagração e uma destruição dos seres; e novamente o cosmo se refaz do princípio; e de novo, movendo-se os astros no mesmo modo, cada evento acontecido no precedente período outra vez se realiza invariavelmente. (NEMÉSIO, apud REALLI, 1994.VIII apud REZENDE,2014)

Os estoicos igualam o destino ao cosmo (algo imenso), como na teoria de Bovelles (veremos mais abaixo, no início da Modernidade), e a natureza essencial ao “logos”.

Com essas teorias os filósofos e astrólogos tornaram-se influentes, logo, políticos romanos queriam ter controle sob eles, não aceitando a condição, esses foram expulsos de Roma. Machado relata: “as decisões eram tomadas pelo Senado e não por um indivíduo”, por conta das relações de poder. Ainda consoante Machado em 2006 (p. 57) “Segundo Barton, conforme a república oligárquica foi declinando e a monarquia se impondo, a astrologia foi ganhando status”.

A astrologia, na visão dos estoicos, tinha sua própria perspectiva, porém havia ainda as influências de Ptolomeu, que explicava como os astros poderiam intervir na vida cotidiana. Essa compreensão foi associada com a ideia de aptidão em seu determinismo astrológico, uma vez que aconselhava o indivíduo sobre os futuros acontecimento que poderiam ser alterados, dependendo das ações. Sendo assim, as coisas acontecem do jeito que devem acontecer (não fatalista).

Dessa forma, há uma discussão entre liberdade e destino na filosofia estoica, pois cada indivíduo teria a sua própria liberdade diante das ações, podendo alterar seu destino, não sendo algo determinado, logo, a astrologia com as suas interferências dos astros servia como aconselhamento. Os astros são como peças de um quebra-cabeça, em que cada peça tem uma função e significado no sistema astrológico e no universo, pois cada peça conduz ao conhecimento de outra parte, inclusive colabora para o entendimento espiritual.

Ao final do período antigo para a idade média, surgiram várias divergências relacionadas à astrologia, devido à aquisição de livros e pergaminhos que a biblioteca de Alexandria possuía, alguns pensamentos filosóficos da época e até mesmo as traduções que foram feitas da língua grega para o árabe, apresentaram perspectivas que ajudaram bastante na sistematização do conhecimento da astrologia.

Segundo Machado, após a morte de Alexandre, o Grande, Claudio Ptolomeu (um dos seus soberanos) organizou e acumulou conhecimento referente ao mundo todo, através de livros que eram descarregados nos portos e levados para a Biblioteca de Alexandria, com a finalidade de copiar e traduzir, tornando a Biblioteca de Alexandria um local importante no aspecto intelectual e científico.

Questionamentos emergiram em torno da astrologia, principalmente em relação às influências dos astros, no qual Plotino (filósofo neoplatônico, século III da era cristã) indagava até que ponto os astros interviam na vida social, e se vícios e virtudes seriam resultado dos corpos celestes e da interferência do universo sobre o indivíduo, como diz no “Terceiro Tratado.”

“Cada astro está num ponto para uns, declina para outros, e vice-versa, mas não poderia experimentar ao mesmo tempo alegria e tristeza, cólera e benevolência”. (Plotino, 2014 p.25)

Além disso, aconteceram indagações acerca das características dos planetas, signos, sol e lua, nas quais foram pensadas qual direcionamento dado para as peculiaridades de cada elemento, em que a depender da declinação podem ser mais frios ou quentes.

De acordo com Plotino, o universo tem uma correlação com os astros e todas as coisas estão ligadas, logo o indivíduo tem múltiplas inclinações diante das características dos planetas e signos, inclinações essas que são duplas, já que contém uma alma unida ao corpo e a outra alma independente do corpo, sendo essa parte do universo.

A relação dos astros com o indivíduo, irá depender da natureza e da alma (“Terceiro Tratado” de Plotino em que há uma discussão sobre como a alma poderia afetar o universo), e como o homem com toda a sua racionalidade sofrerá influências vantajosas e desvantajosas diante dos astros.

Conforme Machado, em 2006 (p.58), Plotino fazia críticas e não confiava nos astrólogos e nem em suas práticas de previsões, no entanto Plotino acreditava no conhecimento astrológico que os filósofos possuíam, confiando competência a esses para decodificar todo o sistema. Outros pensadores também criticavam a capacidade de certos astrólogos em suas previsões para tais eventos, a título de exemplo, o imperador Constantino que viveu na Roma Imperial (312 d.C.).

A astrologia chegou a Idade Média bem fundamentada, devido as observações do homem sob o céu, as concepções e questionamentos levantados sobre a relevância da astrologia antiga, e aos registros escritos pelos babilônicos, que deixaram tais como herança para os gregos.

5.1 ASTROLOGIA MEDIEVAL

A astrologia medieval funcionava como uma alternativa diante da verdade imposta pela igreja cristã, tal como a sua relação com astrologia, entretanto muitos cristãos acreditavam que os astros poderiam interferir na vida cotidiana, visto que “o homem deixaria de assumir a responsabilidade por seus pecados, atribuindo-a aos astros e, conseqüentemente, a Deus” (Machado, 2004, p 59). Com isso, os astrólogos não poderiam ter este tipo de poder, ou seja, muitos foram sentenciados a morte.

De acordo com Rezende, em 2014 (p.381), Santo Agostinho adquiriu o conhecimento dos astros, todavia, estava presente uma discussão relacionada ao livre-arbítrio do indivíduo, que para ele a astrologia negava. Portanto, o indivíduo aceitava as previsões dos astrólogos sem reclamar, dando dessa maneira certo poder para o astrólogo.

Santo Agostinho acreditava que o indivíduo tinha um destino que era imposto por um ser superior, enquanto, Tomás de Aquino aceitava as influências dos astros sob o indivíduo, no entanto, para ele, essas influências não determinavam as vontades, o espírito e o destino do indivíduo.

As traduções escritas dos gregos têm grande importância, pois além do Estado ter o poder da tradução, ele torna-se forte e unido. Todo tipo de saber poderia ser encontrado na Biblioteca de Alexandria, desde filosofia, história, e leis até crenças, com isto, era sabido dos gregos que para dominar um outro povo teriam que traduzir e compreender seus conhecimentos.

Libera em “O filósofo e os astros”, 1999, relata a relação da astrologia como ciência, que inicialmente foi apontada por Roger Bacon, sendo classificada como uma vertente das matemáticas, que teria dois lados: a filosofia, que foi acolhida por cristãos e pelos Padres, e a magia, que foi reprovada.

Nada se pode objetar às matemáticas que são uma parte da filosofia, mas apenas às matemáticas que são uma parte da magia. Foi somente contra estas últimas que os santos falaram, ao passo que exaltaram as verdadeiras matemáticas. Pois as matemáticas são duplas; umas são supersticiosas ao submeterem todas as coisas e o livre arbítrio à necessidade, e ao pretenderem um conhecimento certo do futuro; mas essas matemáticas foram rejeitadas pelos santos e pelos filósofos. (BACON, apud LIBERA, 1999, p.239)

Sendo assim, com a reprovação das “matemáticas supersticiosas” pelos historiadores, De Libera traz duas questões formuladas, uma sendo direito e a outra fato. Desse modo, a questão de direito é o plano ideal que se vincula à astrologia (ramificação das ciências que introduz a filosofia), situando as artes mecânicas como arte adivinhatória e as artes liberais como parte da astronomia. A questão de fato quer dizer “na realidade factual/concreta”, ou seja, o plano concreto utilizará a mesma astrologia, todavia, ligada a uma ambiguidade (superstição e ciência), por consequência, uma questão será valorizada e vista como ciência e a outra não.

À compreensão medieval de práticas e habilidades metódicas dá-se o nome de Artes mecânicas, e as pessoas que a exercem são desvalorizadas. Em oposição às artes liberais, que são métodos de ensino, em que as pessoas que a praticam são valorizadas e privilegiadas, uma vez que a astronomia está inserida nas artes liberais.

A relação da astrologia com astronomia, no período medieval, deu-se, portanto, por conta das artes liberais. Dessa maneira, a astrologia liberal que engloba a astronomia, fará parte do campo das “ciências matemáticas no sentido próprio do termo, juntamente com a aritmética, a geometria e a música” (Libera, 1999 p.240). A contribuição astronômica aperfeiçoou o sistema astrológico, com o auxílio dos estudos matemáticos, que relacionavam as posições das casas e dos planetas, sistema esse utilizado por astrônomos e astrólogos para suas previsões.

A astrologia medieval, em linhas gerais, foi aperfeiçoada desde os saberes que surgiram no período antigo até a idade média. Assim, a astrologia teve sua valorização nas diversas vertentes, contribuindo para o entendimento do indivíduo, filósofos e epistemólogos.

Além de mostrar a perspectiva de dois principais santos cristãos, citados por Rezende, a relação da astrologia com a teologia cristã contribuiu bastante com os questionamentos que haviam na astrologia antiga. Isso será melhor desenvolvido na monografia.

5.2 ASTROLOGIA MODERNA

O período da modernidade, no ocidente, é demarcado, inicialmente, pela revolução científica, no qual seus atributos deram-se através do conhecimento empírico. Segundo Ferreira, os principais estudos da ciência estavam relacionados com a física e a astronomia, com a finalidade de verificação da nova racionalidade científica.

Segundo Martins, em 2012 (p.68), no início da astrologia moderna, Charles Bovelles teve embasamento nos pensamentos de Platão, uma vez que houve o ressurgimento de algumas ideias filosóficas (alquimia, astrologia e magia) que haviam sido deixadas para trás, por conta do predomínio da Teologia na Idade Média. A partir dessas ideias, formou-se uma concepção que se espalhou por toda Renascença, na qual o homem seria o microcosmo e o universo macrocosmo.

Segundo Bovelles, tanto o universo quanto o homem são constituídos pelos quatro elementos básicos: terra, água, ar e fogo. A terra caracteriza a matéria sólida, sem vida- ou seja, os minerais; a água caracteriza a vida e o reino vegetal; o ar representa a respiração, a vida animal, a mobilidade, os sentidos; e o fogo representa o espírito ou a razão. (Martins,2012 p.68)

Dessa forma, o intuito de Bovelles, na sua obra “O sábio”, tinha como finalidade descrever o homem e não o universo, analisar a relação de ambos, e entender como se completam e se diferenciam.

O microcosmo estaria dentro do macrocosmo, por conta da plenitude do último, tendo em vista que há outra relação simbólica da teoria de Bovelles com Paracelso, que podemos compreender abaixo.

Martins (p.71) descreve Paracelso como um médico, alquimista e escritor, no qual suas competências intelectuais têm relação com o universo e com a ideia do homem como um “microcosmo”, sendo comparado a um útero como forma simbólica.

Nessa comparação, a criança seria o homem e o útero seria todo o universo, e quando há essa separação, ambos se tornam únicos e diferentes. Dessa forma o homem sente o universo consigo, ou seja, percebe que há uma ligação entre ele e o universo.

Assim Deus tomou, puxou e separou todas as Suas criaturas de uma só massa material [...] Ele selecionou aquilo que pertencia às estrelas e formou as estrelas; das trevas. Ele tomou aquilo que pertencia à luz e a fez luz; e de modo semelhante com cada coisa, de acordo com sua natureza e seu lugar próprio. (Martins,2012 p.71)

No período moderno, essa ideia filosófica ressurgiu, mas tal período foi marcado pelas transformações científicas, com as demarcações da ciência e não ciência. Abaixo veremos como essas mudanças afetaram a astrologia.

Nicolas Copérnico (1473-1543) publicou uma obra em que o geocentrismo é refutável e superado, na qual, em teoria, ele diz que a terra não está no centro, e quem ocupa o centro do universo é o sol, estando a terra e todos os outros planetas ao seu redor e em movimento. O sistema copernicano foi responsável pelo declínio da astrologia. A teoria heliocêntrica rompeu com o vínculo existente entre o cosmo e o mundo sublunar, pressuposto por Aristóteles. Ainda segundo o filósofo, o cosmo seria o plano dos astros, e o mundo sublunar, o plano do mundo (a

vida na terra). Fazendo do planeta Terra só mais um astro em meio ao restante do universo, seguindo leis físicas que Galileu e Newton descreverão mais tarde.

Entretanto, segundo Machado, outros autores argumentaram que esse sistema não foi apenas o único responsável pelo declínio da astrologia, como por exemplo, Hawking, que “atribui o declínio da astrologia no mundo moderno ao deslocamento do “lugar” do determinismo.” O determinismo, na concepção antiga, significava, sobretudo, as influências dos astros ligadas na vida humana, e a ideia de destino. Já na modernidade, faz referência ao movimento mecânico dos corpos.

Machado, em 2006 (p.18), faz menção de como foram reformulados alguns dos principais critérios para determinar o que seria relevante para uma investigação científica, pois deveria ser algo “real, o útil e o previsível”. Retratando em linhas gerais as reformas que ocorreram no iluminismo, ainda segundo a autora, por Auguste Comte (1798-1857) surge o positivismo. Dessa maneira, cada ciência seria tratada de forma única, dependendo da sua especificidade. Além disso, a ciência ainda teria como finalidade dar um encaminhamento para a evolução da sociedade, por meios das teorias cientificamente comprovadas.

As demarcações a respeito do que seria ou não ciência deram-se através de critérios apresentados por epistemólogos. Por exemplo, Thomas Kuhn e Karl Popper, importantes teóricos da ciência do século XX, ao abordar o tema da astrologia indicam alguns entre esses critérios. Para a ciência, a astrologia é considerada uma pseudociência, visto que foi refutada por filósofos por não ter como ser provada mediante a um critério experimental, diferentemente por exemplo, da teoria da gravitação universal, que foi proposta por Newton, e pôde/pode ser testada e provada. Quanto a isso, Karl Popper diz que:

Uma teoria científica é um modelo matemático que descreve e codifica as observações que fazemos. Assim, uma boa teoria deverá descrever uma vasta série de fenômenos com base em alguns postulados simples como também deverá ser capaz de fazer previsões claras as quais poderão ser testadas.

Assim, segundo Popper, as previsões astrológicas não eram bem fundamentadas, por isso não poderiam ser comprovadas ou testadas para se tornar evidentes, sendo assim, tornou-se uma pseudociência.

Segundo Machado, a teoria da refutabilidade de Popper era uma forma de diferenciação da racionalidade científica. Esse filósofo da ciência não concordava com o critério de verificabilidade apontado pelo Círculo de Viena.

Os [enunciados] significativos poderiam ser dois tipos: 1) lógico-matemático, sem compromisso com o fornecimento de informações acerca do mundo e, portanto, com a experiência; e 2) verificáveis, ou seja, os que pretendessem fornecer informações acerca do mundo e que pudessem ser verificados empiricamente. Se o enunciado não fosse lógico-matemático, nem verificável empiricamente, seria considerado não significativo e, portanto, não científico. (MAGGE, 1973, p.49 apud MACHADO, 2006, p.21)

Sendo assim, a teoria da refutabilidade é uma forma de verificar e identificar uma teoria como ciência ou não ciência. Caso não houvesse meios para uma possível refutação empírica de uma dada teoria, ela deveria ser reconhecida como um esclarecimento pseudocientífico, sendo considerada falsa, por que não haveria a comprovação das suas hipóteses.

Já no que se refere a Thomas Kuhn (1922-1996), suas demarcações deram-se por conta do seu interesse pela ciência histórica. Nesse contexto, isso será relevante no campo da ciência, da política, sociedade, economia e ética, pois essas estão envolvidas na esfera científica. Para Kuhn, a ciência normal é a aplicação tradicional, e essa segue todos os procedimentos conceituais educacionais, uma vez que os cientistas deveriam ter engajamento e concordância no meio científico.

A ciência normal, atividade que consiste em solucionar quebra-cabeças, é um empreendimento altamente cumulativo, extremamente bem-sucedido no que toca ao seu objetivo, a ampliação contínua do alcance e da precisão do conhecimento científico. [...] A ciência normal não se propõe descobrir novidades no terreno dos fatos ou da teoria; quando é bem-sucedida, não as encontra. (KUHN, 1996, p.77 apud MACHADO, 2006, p.25)

Tanto Thomas Kuhn como Karl Popper têm as suas demarcações distintas relacionadas à ciência e suas concepções diante da astrologia. Machado, no capítulo três do livro Ensaio sobre o pensamento de Karl Popper em 2012 (p.60), apresenta alguns argumentos acerca da astrologia.

[...] o processo de sua aplicação é muito diferente e isola aspectos distintos da atividade que é o objeto da decisão – ciência ou não. [...] a fim de fornecer um critério de demarcação [astrológica], são insustentáveis. A história da astrologia, durante os séculos em que esta foi intelectualmente respeitável, registra muitas previsões que fracassaram rotundamente. (Kuhn, 2011, p.291-292)

Um dos argumentos apresentados por Popper, de acordo com Machado, é referente aos astrólogos. De fato, para Popper as previsões dos astrólogos são vazias e sem referências, que esses podem se passar por falseadores potenciais.

Tornando suas interpretações e profecias suficientemente vagas, eles [os astrólogos] são capazes de encontrar escusas para tudo que poderia se mostrar uma refutação da teoria, caso a teoria e as profecias fossem mais precisas. Para escapar do falseamento, destroem a testabilidade da teoria. (POPPER apud KUHN, 2011 p.292)

Kuhn concorda com o argumento de Popper relacionado aos astrólogos. Contudo, seu argumento contra a astrologia dá-se devido a sua história e pelos registros de previsões falhadas. Kuhn ainda acrescenta que a astrologia não foi excluída por conta dos métodos, sendo vista como “arte prática” e não ciência.”

Eu acho que a semelhança com uma medicina mais antiga e a psicanálise contemporânea é particularmente próxima. Em cada um desses campos, a teoria compartilhada era adequada apenas para estabelecer a plausibilidade da disciplina e fornecer um fundamento para as várias regras que controlam a prática. (KUHN, 1970, p.8 apud MACHADO, 2012, p.60)

Ainda no capítulo três, Machado retrata a comparação que Kuhn faz entre astrólogos e astrônomos: os astrônomos têm desafios por conta dos cálculos, correção de erros e atividades de medição; os astrólogos não teriam nenhum tipo de desafio para uma possível solução, como os astrônomos tem.

[...] A configuração das estrelas e dos oito planetas estava em constante mudanças; as tabelas astronômicas utilizadas para calcular a configuração no instante do nascimento de um indivíduo eram notoriamente imperfeitas; eram poucos os que sabiam com a precisão exigida o instante de seu nascimento. Não surpreende que os prognósticos falhassem com tanta frequência. (Kuhn, 2011, p.292)

Kuhn afirma que os astrólogos reconheciam que as previsões poderiam falhar. Ele censura ainda a demarcação de Popper, e assevera que por mais que a astrologia não estivesse na área da ciência, esse teria olhado apenas por um ângulo e possivelmente não teria visto essa possibilidade de falha nas previsões como o principal motivo para a astrologia não estar inserida como ciência.

O epistemólogo Paul Thagard tem outra perspectiva a respeito da astrologia. Machado o menciona para apresentar a crítica feita por ele referente aos critérios apresentados por Popper e Kuhn, pois há uma falta de interesse desses com as questões das pseudociências.

Thagard concorda com Popper referente a astrologia ser verificável por conta de seus métodos. Todavia, não considera o critério da falseabilidade apresentado por Kuhn suficiente para rejeitar a astrologia como ciência.

“A astrologia não parece pior que as melhores teorias científicas, que também resistem à falsificação até que surjam teorias alternativas.” (THAGARD,1978, p.226 apud MACHADO,2012, p.63)

Os critérios de Thagard diante da delimitação científica e não científica seriam: teoria, comunidade e contexto histórico. Para ele o conceito de ciência normal de Kuhn não se encaixa como não ciência, por conta do sentido que Kuhn dá para a sua visão de ciência. Visto isso, Thagard e Kuhn possuem demarcações diferentes.

O que torna a astrologia pseudocientífica não é a ausência dos períodos da ciência normal kuhniana, mas o fato de seus proponentes adotarem as atitudes acríticas dos cientistas ‘normais’, independentemente da existência de teorias alternativas mais progressivas. (THAGARD,1978, p.228 apud MACHADO,2012, p.64)

Sendo assim, é mais relevante designar a astrologia como pseudociência de acordo com esses critérios de Thagard, apresentados por Machado.

1) a astrologia não é progressiva, de maneira que mudou pouco e nada foi adicionado à sua capacidade explicativa desde os tempos de Ptolomeu; 2) problemas como a precessão dos equinócios estão pendentes; 3) há teorias alternativas de personalidade e comportamento disponíveis desde o século XX, que explicam em termos psicológicos o que a astrologia atribui às influências celestes. (Machado,2012 p.64)

Conforme apontado, nossa investigação buscará analisar esses autores, a fim de compreender de que maneira no período da modernidade, a astrologia será, digamos, apartada segundo diferentes critérios apontados por historiadores da ciência. Assim, os argumentos apresentados acerca da astrologia no período moderno, e todas as demarcações em volta da ciência e não ciência proporcionaram uma concepção diferente dos discursos antigos e medievais sobre a astrologia, que na contemporaneidade terá outra perspectiva.

5.3 ASTROLOGIA CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade, os discursos astrológicos serão mobilizados pelas narrativas midiáticas, sobretudo como forma de entendimento pessoal (amor, trabalho, saúde, etc.). Dessa forma, a narrativa da astrologia terá outra vertente, sendo para uns apenas uma pseudociência que não pode ser comprovada, e para outros um mito, uma forma de enganar pessoas.

Sendo assim, atualmente, a astrologia foi transformada em produtos que são consumidos por pessoas, que mesmo não acreditando nessas influências, busca, nessas narrativas, uma possível motivação (autoconfiança/autoestima). Na contemporaneidade, as narrativas em torno da astrologia surgem de formas segmentadas e superficiais, típico da cultura de massa e da sociedade do espetáculo midiático, em que tudo se torna produto para ser consumido. Esse público consome e compartilha narrativas referentes às vertentes astrológicas, como as características dos signos, a importância do horóscopo no dia a dia (revistas, jornais, sites, redes sociais) e o próprio mapa astral.

Nessa pesquisa investigativa, pretendemos nos concentrarmos nas redes sociais, primitivamente, em dois grupos do Facebook, que tem como principal assunto a astrologia. Os grupos analisados serão Vênus em LDRV que tem em torno de 107.830 membros, e o Grupo da diva (astrologia), que tem por volta de 18.942 membros. Ambos são grupos fechados e, para tornar-se membro, os interessados devem responder a um quiz. A análise será feita durante sete dias.

Sendo assim, iremos analisar os fundamentos astrológicos em publicações e comentários postados. Essas publicações constituem previsões e características correspondentes a cada signo, e as pessoas posicionam-se diante do assunto através de comentários. Investigaremos as postagens, os comentários e os posicionamentos dos membros, categorizando cada ponto da investigação.

Minha indagação sobre o discurso astrológico é: em qual momento da história a astrologia tornou-se tão vazia e quase sem nenhuma ligação histórica, sendo apenas midiática? Vale ressaltar, que astrologia pode ser vista, como um hobby e não como uma área de estudo.

6 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa para este projeto proposto tem como característica uma pesquisa exploratória, pois sua metodologia permite que o pesquisador faça um levantamento bibliográfico do tema, o aprimoramento das ideias e uma investigação nas pesquisas de outros autores que abordaram o assunto. (Piovesan e Temporini,1995). O método utilizado para a pesquisa será o qualitativo. Segundo Turato (2005), o método qualitativo articula-se com “valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões”.

Assim, a pesquisa qualitativa apresenta características que coincidem com as necessidades do tema proposto, já que engloba levantamentos bibliográficos, pesquisa descritiva, e indução das análises de dados (Godoy,1995)

Esse projeto visa criar as condições para a realização de uma monografia, título de trabalho de conclusão de curso, na terminalidade, que será descrito por um lado histórico e a outro lado com questões midiáticas, sendo dividido em quatro capítulos. As unidades de análise serão compostas por quatro principais capítulos que falarão sobre os conceitos e narrativas da astrologia nos períodos da Antiguidade, Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade, no qual, diversos autores e epistemólogos têm visões e explicações diferentes.

No primeiro capítulo nos apoiaremos em fontes secundárias, como por exemplo, Cristina de Amorim Machado, sendo essa a principal fonte para esse projeto de pesquisa. Será retratado a astrologia na perspectiva da Antiguidade, com enfoque nas crenças, conhecimentos e concepções da civilização babilônica, grega e um pouco da romana, ambos estão presentes na astrologia, concebendo uma conexão com as características de cada signo e o sistema Ptolomaico.

O segundo capítulo irá retratar como a astrologia aparece na Idade Média, apontar seus questionamentos sobre as atitudes dos indivíduos, as influências dos astros e a perspectiva cristã de Tomás de Aquino e Santo Agostinho.

O terceiro capítulo tratará de que maneira a Modernidade (através da ciência moderna), refuta a astrologia como pseudociência, usando o argumento de que a mesma não pode ser

comprovada. Citarei epistemólogos, como Thomas Kuhn, Karl Popper e Paul Thagard, que através dos seus conceitos explicam por que a astrologia não pode ser considerada ciência, pois na modernidade estará presente a discussão do que é e o que não é ciência.

O quarto e último capítulo explanará como a astrologia é vista na contemporaneidade, e como os meios de comunicação se fazem presentes para estabelecer o discurso do que seria astrologia com todas as suas vertentes, através da análise que será feita em dois grupos do Facebook (rede social) durante sete dias, tendo em vista, signos, mapa astral, horóscopos e a composição das características de cada signo.

No primeiro ano realizarei a revisão bibliográfica e delimitação do corpus. No segundo conjecturamos um aprofundamento das análises, apresentações dos primeiros resultados preliminares, através de relatórios. No terceiro ano, iniciaremos a redação do trabalho, revisão do trabalho final e defesa do trabalho. Além disso, prevemos uma participação em eventos científicos e a ressignação dos resultados finais da pesquisa em uma revista científica da área.

7 CRONOGRAMA

Atividades/ Semestres	2019 I Semestre	2019 II Semestre	2020 I Semestre	2020 II Semestre	2021 I Semestre	2021 II Semestre
Revisão Bibliográfica	X	X				
Delimitação do corpus	X	X				
Relatório do andamento da pesquisa			X			
Reuniões de Orientação	X	X	X	X	X	
Análises preliminares		X	X			
Aprofundamentos das análises			X	X		
Redação da Monografia					X	X
Revisão da redação						X
Entrega e defesa da Monografia						X
Participação de eventos científicos e apresentação dos resultados preliminares				X		
Participação de eventos científicos e apresentação dos resultados						X
Apresentação dos resultados da pesquisa em uma publicação científica						X

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ana Cristina Vidal de. *Astrologia e Narrativas do céu*. 2008
- CARVALHO, Lucas de Francisco; MIGUEL, Fabiano Koich. *Relações entre traços de personalidade mensurados por testes psicológicos e signos astrológicos*. Set./ Dez. 2014
- COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. *O sistema Astrológico como Modelo Narrativo*. Rio de Janeiro. Agosto de 2005.
- KUHN, Thomas S. *A tensão essencial: estudos selecionados sobre tradição e mudança científica*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 291-294p
- LIBERA, Alain. *Pensar na Idade Média*. In: *O filósofo e os astros*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999. 235-281p.
- MACHADO, Cristina de Amorim. *A falência dos modelos normativos de filosofia da ciência – a astrologia como um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. 2006.
- _____. *O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- MARTINS, Roberto de Andrade. *A origem do Universo na Mitologia e Na religião. O mito filosófico na Grécia e na Índia. O pensamento Medieval e Renascentista. O pensamento Científico Moderno e a Origem do Mundo*. In: *O Universo: Teorias sobre sua origem e evolução*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012. 5-19p. 21-34p. 71-84p. 89-105p.
- OLIVEIRA, Paulo Eduardo (Org.). *Ensaio sobre o pensamento de Karl Popper*. In: *Popper, a demarcação da ciência e a astrologia por Cristina de Amorim Machado*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. 50-69p.
- OMNÊS, Roland. *A física Clássica*. In: *Filosofia da Ciência Contemporânea*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 1996. 45-51p.
- PORTO, Claudio M. *A física de Aristóteles: uma construção ingênua?* Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Ensino de Física, v.31, n.4, 4601 (2009).
- PLOTINO. *Enéada II- A organização do cosmo*. In: *Terceiro Tratado- Sobre a influência dos astros*. Editora Vozes, 2010. 23-41p.
- REIS, Marcus. *Ensaio filosófico*. In: *Cosmologia como exercício espiritual e suas relações com a astrologia antiga*. Rio de Janeiro: Revista de Filosofia, 2014. 151-162p.
- REIS, Marcus. *Inconsciente, Consciente e Cosmologia em Plotino*. 2010. 49-57p.
- REZENDE, Vania Terezinha de. *A noção de Destino na astrologia e sua influência no pensamento ocidental: notas inspiradas em uma leitura crítica de The Stars Down To Earth- T.W. Adorno*. Belo Horizonte: Interações- Cultura e Comunidade. Jul./Dez. 2014. 374-395p.

SILVA, Rodrigo Carvalho. O nome do fogo: Relações entre a Ekpyrosis, Astrologia e Milenarismo no mundo helenístico romano. Brasília: Agosto de 2009